

# A CIVILIZAÇÃO MORALIZANTE DA FICÇÃO DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Rafael de Almeida Daltro Bosisio<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Joaquim Manuel de Macedo foi o primeiro escritor romântico brasileiro de grande repercussão. Mas, apesar de ter sido um dos grandes literatos do Segundo Reinado, acabou esquecido no século XX e, de toda a sua extensa e popular obra, apenas o sucesso do romance *A moreninha* perdura até hoje.

Todavia, Macedo produziu mais do que apenas um romance. Sua obra ficcional, bastante lida pela sociedade imperial, apresenta diversos padrões de civilidade que estavam inseridos no projeto civilizatório do Segundo Reinado. Com o intuito de identificar estes padrões de civilidade, o trabalho aqui desenvolvido está dividido em quatro partes: a primeira traça uma pequena biografia do escritor, em que está descrita sua trajetória de vida, englobando aspectos pessoais e profissionais, utilizando alguns críticos que trabalharam sobre ele, principalmente Antônio Cândido; a segunda apresenta uma análise do escritor dentro do movimento literário romântico; a terceira identifica os padrões de civilidade que emergem de seus romances; e, por último, uma pequena conclusão, que não esgota o assunto e deixa-o em aberto para novas investigações.

Assim, para melhor entendimento do trabalho, é interessante apresentar algumas ideias que nele serão expostas.

Jean Starobinski escreve que a civilização, em primeiro lugar “designa para os indivíduos, os povos e a humanidade inteira, o processo que faz deles *civilizados* e depois, o resultado cumulativo deste processo. É um conceito unificador”.<sup>2</sup> Da mesma forma, Norbert Elias, diz que a “civilização descreve um processo ou, pelo mesmo, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente para frente”. É essa noção de progresso que traz também a idéia de processo civilizador:

*[...]um processo que deve prosseguir. [...] Ele absorve muito do que sempre fez a corte acreditar ser – em comparação com os que vivem de maneira mais simples, mais incivilizada ou mais bárbara – um tipo mais elevado de sociedade: a idéia de um padrão de moral e costumes, isto é, tato social, consideração pelo próximo, e numerosos complexos semelhantes.*<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador vinculado ao Centro de História e Documentação Diplomática da Fundação Alexandre de Gusmão e professor das redes municipal e estadual do Rio de Janeiro. E-mail: <rdaltro@ig.com.br.>.

<sup>2</sup> STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 14.

<sup>3</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1. p. 24 e p. 62.

Nesta direção, percebe-se que o termo civilização remete a uma consciência nacional, isto porque é um processo que está ligado aos costumes de um grupo social, os quais se tornam nacionais. O termo, assim, ganha uma característica muito peculiar: é usado basicamente por e para povos que compartilham uma tradição e conjuntura particular, pois nasce de um conjunto específico de circunstâncias históricas. Daí, a atmosfera emocional e tradicional que o cercam, e a singularidade do processo civilizador de cada nação.

Utilizando-se desta discussão para pensar o caso do Segundo Reinado brasileiro, tem-se a noção de ideal civilizatório trabalhada por Afonso Carlos Marques dos Santos.<sup>4</sup> O autor trabalha com a ideia de um projeto civilizatório na cidade do Rio de Janeiro que teve seu início com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, e foi se modificando ao longo do século XIX, de acordo com as mudanças políticas e sociais no Brasil e em consonância com os ideais de civilização da Europa. Neste sentido, Marques dos Santos diz que a cidade do Rio de Janeiro era um laboratório da civilização, onde o projeto político de constituição de um império luso-brasileiro, em 1815, e a partir de 1822, o projeto político de construção de um Estado-Nação, estavam associados a um projeto civilizatório, com moldes na Europa, principalmente na França. Uma tentativa de formar nos trópicos o que Marques dos Santos denominou de “Europa possível”.

No Segundo Reinado, percebem-se três instrumentos utilizados para a implementação do projeto civilizatório: as artes, a ciência e as letras, que possuíam uma ação pedagógica e, muitas vezes, entrelaçavam-se. As criações artísticas produzidas por estes instrumentos estavam voltadas para a exaltação do patriotismo e da moral, ligadas à noção de ordem e de racionalidade. No que diz respeito às letras, era através dos poemas e romances românticos que esse ideal civilizatório se revelava, pois eles eram também instrumentos de ação do projeto civilizatório.

Macedo era um autor que, por ser membro da elite política imperial, estava no campo de ação do projeto civilizatório. As obras literárias eram uma das grandes vias de divulgação das ideias relativas a esse projeto e, no âmbito dessas, encontram-se as de Macedo, que por ser membro da elite política e por saber-se parte desse projeto civilizatório, escreveu seus romances com a intenção de expor tal ideal civilizatório para a sociedade fluminense.

O trabalho também tem o objetivo de contribuir para a recuperação da figura de Joaquim Manuel de Macedo como intelectual que enxergou na literatura uma via para a execução do projeto civilizatório das elites políticas do Segundo Reinado e, num âmbito maior, do projeto de construção da nação brasileira.

### **O SR. DR. JOAQUIM MANUEL DE MACEDO**

Joaquim Manuel de Macedo foi o primeiro escritor romântico de grande repercussão no Brasil, tendo sido um dos autores nacionais mais lidos do século XIX. Entre 1844 e 1882, Macedo exerceu inúmeras atividades e atribuições, participando ativamente da vida intelectual e política do Segundo Reinado, enfim, era um verdadeiro homem de letras. Tal versatilidade possibilitou ao escritor circular entre

<sup>4</sup> SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *A invenção do Brasil: ensaios de história e cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

os diversos espaços públicos existentes na Corte.

Nascido em 24 de junho de 1820, na Vila de São João de Itaboraí, na Província do Rio de Janeiro, onde passou a infância, Macedo veio para o Rio de Janeiro na década de 1830, para cursar os preparatórios para o ingresso na Faculdade de Medicina. No decorrer de seus estudos na Corte, o estudante passou a demonstrar interesse pelas letras, atraído principalmente pelo jornalismo e pelas manifestações culturais associadas ao romantismo – gênero literário recém-chegado ao Brasil. Com uma nova maneira de ver o mundo e a natureza, pautada pela liberdade, o romantismo chegou ao Brasil no mesmo momento em que se forjava a construção de uma identidade nacional. Desta maneira, uma de suas características foi logo posta em evidência – a valorização da nação e de suas tradições – nesse contexto, os escritores ambicionava a criação de uma literatura autenticamente brasileira e esse esforço, segundo Antônio Cândido, era visto como “um ato de brasilidade”.<sup>5</sup>

No início de 1844, Macedo publicou seu primeiro livro – *A moreninha* –, que logo se tornou sucesso de público e crítica, o grande marco de sua trajetória de escritor. No mesmo ano, em dezembro, ele defendeu, com êxito, a sua tese de conclusão de curso, chamada *Considerações sobre a nostalgia*. É importante observar que a nostalgia era um tema bastante recorrente na literatura romântica e trazia em seu bojo a construção de uma ideia de pátria, pois sua caracterização estava ligada à questão do deslocamento e do desenraizamento. Durante algum tempo, Macedo atuou como médico em sua cidade natal, clinicando principalmente para as camadas mais baixas da população, que passou a chamá-lo carinhosamente de “Doutor Macedinho”.

Na imprensa, escreveu para diversos jornais e revistas – como o *Jornal do Commercio*, *Minerva Brasiliense*, *Ostensor Brasileiro*, *A Reforma* e a *Semana Ilustrada* –, além de ter fundado, em 1849, com Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães, Fernandes Pinheiro e Manuel Araújo Porto Alegre, a *Revista Guanabara*, em que publicou seu poema-romance *A Nebulosa*. Participou, também, da vida política fluminense escrevendo no jornal *A Nação*, do Partido Liberal, pelo qual foi eleito em diferentes oportunidades – para a Assembléia Provincial do Rio de Janeiro, em 1854, e para a Assembléia Geral Legislativa, nos anos de 1864/1866, 1867/1868 e 1878/1881. Dentre suas múltiplas atividades, Macedo trabalhou no magistério, como membro do Conselho Diretor de Instrução Pública na Corte, lente de História do Brasil e, a partir de 1858, de Corografia do Imperial Colégio Pedro II.

Em 1845, entrou para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro como membro efetivo, participando do momento fundador da historiografia brasileira.<sup>6</sup> Eleito por unanimidade, o escritor foi um dos poucos que ingressaram no instituto com menos de 25 anos e, em 1848, foi eleito 2º Secretário. Três anos depois, foi eleito membro da Comissão de Trabalhos Históricos e 1º Secretário, responsável pelos

---

<sup>5</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro). p. 73.

<sup>6</sup> GUIMARÃES, Manuel Luís Lima Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

relatórios anuais nas sessões magnas. Em 1857, foi eleito Orador efetivo, cargo que ocupou por quase vinte e cinco anos, sendo responsável pela elaboração e leitura dos elogios fúnebres aos sócios falecidos nas sessões magnas. Além dos relatórios como 1º Secretário, dos discursos como Orador e pareceres presentes nas revistas do instituto, deixou três obras históricas – *Dúvidas sobre alguns pontos da história do Brasil*, *Efeméride histórica do Brasil* e *Ano biográfico brasileiro*, esta destinada à Exposição Universal da Filadélfia.

Assunto muitas vezes debatido nas sessões e nas páginas da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a questão da criação de compêndios de história do Brasil apropriados, voltados para a “instrução do povo” – palavras do próprio Macedo –, foi preocupação constante do escritor. Inspirados na *História geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen, os compêndios de Macedo, que também podem ser considerados como obras históricas, demonstram de maneira mais didática, igual preocupação com a construção da nação, apontando as direções em que a história do Brasil deveria ser entendida.

Segundo Selma Mattos, “mais do que os contrastes entre os sucessos nas duas atividades [de historiador e professor], o que singulariza o Macedo autor das Lições é a unidade que acabou por estabelecer entre as mesmas”.<sup>7</sup> Em suma, Macedo conseguiu articular, de modo significativo, as duas atividades, proporcionando o conhecimento da história pela via do ensino público.

O romancista também atuou no espaço público do teatro, através da dramaturgia e do Conselho do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, onde era censor. Deste interesse resultaram muitas peças entre 1849 e 1880 e incentivos às companhias e sociedades teatrais.

Macedo foi ainda membro algumas sociedades, entre as quais a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e Comendador da Ordem da Rosa e de Cristo. Na Academia Brasileira de Letras é o patrono da cadeira número 20.

“Doutor Macedinho” foi um escritor muito popular e publicou seus romances durante anos no *Jornal do Commercio*, na forma de folhetim.<sup>8</sup> Tal popularidade se devia ao tom ameno e moralizante, às intrigas amorosas e personagens sentimentais, bem ao gosto dos leitores da época. Com estas características, Macedo penetrou em todos os lares em que se cultivava a leitura, tornando-se um escritor muito querido do público, chegando a ser professor das princesas D. Isabel e D. Leopoldina, e muito estimado pela família imperial. As obras de Macedo circulavam, portanto, no próprio espaço que elas descreviam.

---

<sup>7</sup> MATTOS, Selma Rinaldi de. *O Brasil em lições: a história como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo*. Rio de Janeiro: Access, 2000. (Coleção Aprendizado do Brasil 1). p. 61.

<sup>8</sup> O folhetim era então um novo “fazer” literário, escrito e publicado diariamente nos jornais (o escritor escrevia exaustivamente); uma via de comunicação fácil, ágil, informativa e crítica, que, no entanto, não podia perder o tom de fantasia e sonho, ou tornar-se-ia enfadonho para o leitor. “O folhetim se transforma, mais uma vez, em instrumento para que seu autor propague ideias, procurando influenciar na conformação de uma opinião que tem como alvo as elites fluminenses ou, parafraseando Alencar, as *peças delicadas e do mais fino trato*”. CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 131.

Macedo escreveu também crônicas em que descrevia os costumes urbanos e o ambiente da cidade do Rio de Janeiro no apogeu do Império, sendo considerado um dos primeiros cronistas cariocas. Como aponta Fátima Rocha, “Macedo transita das *crônicas do tempo* para a tradição oral e desta, outra vez, para a *fiel narração dos fatos*”,<sup>9</sup> e, nesse sentido, a autora o nomeia um *cronista-em-trânsito*, responsável pelo mapeamento histórico-geográfico da Corte. Esta capacidade descritiva faz Antônio Cândido lembrar que a Macedo:

*Cabe a glória de haver lançado a ficção brasileira na senda dos estudos de costumes urbanos, e o mérito de haver procurado refletir fielmente os da sua cidade. O valor documentário permanece grande, por isso mesmo, na obra que deixou. [...] temas essenciais para compreender a época, e que encontramos bem lançados em sua obra, de que constituem talvez o principal atrativo para o leitor de hoje.*<sup>10</sup>

Em 11 de abril de 1882, após sofrer durante dois anos de uma doença de origem mental, Joaquim Manuel de Macedo faleceu em Itaboraí.

### **UM HOMEM EM SEU TEMPO**

A década de 1830 foram o ponto de partida de uma nova fase da vida intelectual brasileira. Houve uma dinamização e progresso de todos os gêneros da produção literária, sendo o ano de 1836 um marco, com a publicação de *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves Magalhães, e, principalmente, da revista *Niterói – Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, do grupo de Gonçalves Magalhães, Araújo Porto Alegre e Torres Homem, que ajudaram a divulgar os ideais do movimento romântico em geral (englobando literatura, pintura e outros campos da arte) no Brasil.

Nos campos intelectual e político, houve uma preocupação da elite dirigente com a construção da identidade nacional e de uma história nacional. Nesse quadro de características renovadoras, o romantismo iniciou o processo de consolidação da autonomia nacional, tanto no que diz respeito à literatura, quanto a outros campos das artes, abraçando a ideia de um projeto de construção de nação. Assim, o movimento romântico encontrou um campo fértil para o seu crescimento, fazendo surgir no Brasil o romance como gênero, até então desconhecido pelo público brasileiro. As camadas médias urbanas, em crescimento, encontraram no romantismo e no romance-romântico o veículo de expressão de um estado de espírito repleto de sentimentos profundos de liberdade e idealização da realidade. A imprensa teve um papel fundamental na divulgação do movimento, pois a maioria dos romances foi publicada nos jornais, sob o formato de folhetim, para um público que era composto principalmente pelas camadas letradas da sociedade imperial.

O termo romance-romântico possuía uma função política específica naquela sociedade, além da de entretenimento que ele ocupa na de hoje. O romance-

<sup>9</sup> ROCHA, Fátima Cristina Dias. Três passeios pela cidade carioca: figurações do Rio de Janeiro em Joaquim Manuel de Macedo, Lima Barreto e Rubem Fonseca. In: OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. Linhas de fuga: trânsitos ficcionais. Rio de Janeiro: 7letras, 2004. p. 73. Grifo da autora.

<sup>10</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1997. v. 2. p. 129.

romântico era uma forma de entretenimento familiar, ocupando quase a mesma função que a telenovela tem atualmente. A função é exemplificada no trecho de José de Alencar, em seu livro *Como e por que sou romancista*:

*Essa prenda [aqui o autor se refere à sua boa eloquência] que a educação deu-me para tomá-la pouco depois valeu-me em casa o honroso cargo de leitor, com que eu me desvanecia como nunca me sucedeu ao depois, no magistério ou no parlamento. Era eu quem lia para minha boa mãe não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo.<sup>11</sup>*

No âmbito doméstico, o romance penetrou no espaço feminino, visto que a casa era o espaço por excelência da mulher. Os romancistas conseguiriam atender também a demanda deste público específico, retratando fielmente seu espaço, com suas práticas e formas de sociabilidade, daí advindo a forte relação entre os romancistas e o público feminino.

No que tange ao romance-romântico, é interessante ressaltar seu caráter moralizador, presente no projeto civilizatório das elites políticas do Segundo Reinado, conforme aponta o crítico José Veríssimo, no trecho em que se refere aos romances de Macedo:

*São romances morais, de família; leitura para senhoras e senhoritas de uma sociedade que deles próprios se verifica inocente, pelo menos sem malícia, e que, salvo os retoques romanescos, essas novelas parecem que retratam fielmente.<sup>12</sup>*

Já o caráter civilizador do romance-romântico, apontava para sua ligação ao projeto de construção da nação, visto que era um instrumento didático para civilizar a sociedade imperial. É neste sentido que Antônio Cândido observa:

*E como além de recurso estético foi um projeto nacionalista, fez do romance verdadeira forma de pesquisa e descoberta do país. A nossa elite cultural intelectual encontrou nisto um elemento dinamizador de primeira ordem, que contribuiu para fixar uma consciência mais viva da literatura como estilização de determinadas condições sociais. O ideal romântico-nacionalista de criar uma expressão nova de um país novo encontra no romance a linguagem mais eficiente.<sup>13</sup>*

O impacto de sua obra foi sentido tanto na sociedade que ele retratava em seus romances como entre os escritores que o sucederam. Macedo foi um escritor que sofreu duras críticas durante o século XX e chegou até o XXI, para o grande público, como o autor de um único romance – *A moreninha*. Sua obra é ambientada, em grande parte, no espaço doméstico: retrata as formas e práticas de sociabilidade dos salões fluminenses (que tinham em sua composição uma camada social abastada e

<sup>11</sup> ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 25-26.

<sup>12</sup> VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1981. p. 237-241.

<sup>13</sup> CÂNDIDO, Antônio. *Formação...*, v. 2, p. 99-100.

afrancesada), apresenta personagens ligados à corte do Rio de Janeiro e descreve minuciosamente todo o luxo e ostentação que permeava essa sociedade. Talvez nesse ponto resida o valor e a importância de Macedo, pois, através de um retrato fiel da ordem social do Segundo Reinado, colaborava para sua conservação e, até mesmo, expansão.

### **A CIVILIZAÇÃO MORALIZANTE DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO**

Em toda a obra de Joaquim Manuel de Macedo existe a descrição da sociedade e de seus costumes explicitamente favoráveis à civilização e contra a barbárie, em que os tipos que nela aparecem procuram se inserir no ideal civilizatório do Segundo Reinado. De acordo com essa idealização, era escassa a presença dos escravos nos romances, já que estes significavam a grande contradição até então vigente – uma sociedade que buscava a civilização, mas, ao mesmo tempo, convivia com o cancro da escravidão, que representava a barbárie. Enfim, aparecem descritos os costumes e os tipos da “boa sociedade imperial”.<sup>14</sup> Conforme se observa na minuciosa descrição de um sarau abaixo:

*Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champanha na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento; aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surde, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida do écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras pelo braço de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que vieram para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dândi que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.<sup>15</sup>*

Ou na curiosa descrição da Rua do Ouvidor, em *A misteriosa*:

*A rua do Ouvidor não é de trânsito: é de passeio, de estação, de encontro ajustado, de gazetilhas incessantes, canal de mentiras, fábrica de crises ministeriais, museu de tetéias, torre de Babel de modas, Paris meio caricato na sonhada Henri-ville, jardim das senhoras, purgatório dos pais*

<sup>14</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

<sup>15</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: Ática, 2002. (Série Bom Livro). p. 93

*e dos maridos, e espaço atmosférico onde fazem o verão andorinhas mais ou menos enfeitadas, mas todas em odienta fraternidade de pescaria do continente pelo conteúdo, da casca pelo miolo, do paletó pelo bolso.*

*Eu tenho a honra de propor que a Ilustríssima Câmara Municipal mude o nome da rua do Ouvidor, fazendo-a chamar doravante – rua da Dissipação; porque nela o que mais e constantemente se faz é dissipar tempo, dinheiro, e não poucas vezes tesouros ainda mais preciosos.<sup>16</sup>*

O fato de Macedo pertencer à “boa sociedade” e fazer parte da elite política, não significa que apoiava irrestritamente tal civilização que se desejava importar. Pelo contrário, ele criticava a sociedade, seus costumes, suas vaidades e suas máscaras sociais, em prol de uma sociedade mais sincera, sem máscaras, que tivesse nos valores tradicionais e interioranos a sua virtude e a sua moral. Nesse sentido, ele diz, em *As mulheres de mantilha*, “Deus nos livre de maldizer da civilização: a civilização é Sol; mas o Sol tem manchas; no assunto de que muito de passagem tocamos, a civilização tem europeado demasiadamente o Brasil”;<sup>17</sup> em *O romance de uma velha*, que “a civilização e o progresso mataram o amor”;<sup>18</sup> e afia a sua crítica à sociedade em *A luneta mágica*, uma fábula moral, dizendo que entre a visão só do bem e a só do mal, deve prevalecer a visão do bom senso.<sup>19</sup>

Muitas vezes, porém, contradizia-se, o autor, denominando os costumes coloniais (que ele chama de “antigos”) e do povo como bárbaros, enquanto valorizava os da elite e os recém-importados da Europa, chamando-os civilizados, como por exemplo, no romance *As mulheres de mantilha*, ao descrever um antigo costume chamado *serração da velha*: “essa espécie de mascarada dos antigos costumes, que só no presente século [XIX] foi proscrita pela nova civilização”.<sup>20</sup> Essas descrições apontam para o que Luiz Costa Lima<sup>21</sup> diz sobre as múltiplas realidades com que o homem tem contato: que elas são constituídas a partir de uma realidade dominante, a cotidiana, e que os modelos – aquilo que se deseja imitar – são conscientemente confundidos com o real. Porém, essas descrições não implicam que esses modelos sejam registros fiéis de determinada realidade histórica, pois, segundo Mônica Velloso, “a literatura tende frequentemente a insurgir-se contra este real, apresentando dele uma imagem em que a própria sociedade muitas vezes se recusa a reconhecer-se. Trata-se, portanto, de uma relação necessária, contraditória e imprevisível”.<sup>22</sup>

<sup>16</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os quatro pontos cardeais. A misteriosa*. Rio de Janeiro: Off. Graf. do Jornal do Brasil, 1927. (Suplemento Romântico do Jornal do Brasil 5 e 6). p. 84. Grifos do autor.

<sup>17</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *As mulheres de mantilha*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. (Coleção Clássicos Brasileiros). p. 27.

<sup>18</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os romances da semana*. Rio de Janeiro: Domingos José Gomes Brandão, 1861. p. 90.

<sup>19</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A luneta mágica*. Porto Alegre: L&PM, 2001. O romance é escrito em tom irônico. Simplício, seu personagem principal, além da miopia física, possui a miopia moral, pois se vê escravo das idéias dos outros por não conseguir ajustar as suas próprias.

<sup>20</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *As mulheres...*, p.182.

<sup>21</sup> LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginário no ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 64.

<sup>22</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 240, 1988.



Assim, em diversos romances, apesar das críticas, Macedo também valorizou a civilização europeia, como modelo a ser imitado, com o uso de expressões francesas e latinas, citação de autores de livros, de óperas românticas e clássicas, cenas passadas em teatros, jardins, saraus, bailes e ambientes fora da casa, que denotavam sinais de requinte, civilidade e urbanidade.

Outros pontos de consonância de Macedo com o projeto civilizatório aparecem explicitamente, ou de maneira mais implícita, nas profissões de seus personagens – médicos, advogados, professores e até estudantes de belas artes –, nas descrições de costumes e locais repletos de imagens européias, (paisagens, animais, clima temperado, figuras greco-romanas, entre outros aspectos), na omissão dos escravos em suas histórias e até mesmo frases como: “A sociedade progride, e a civilização vai fazendo conquistas”.<sup>23</sup> Na cena descrita abaixo, passada no Passeio Público, observa-se a exaltação à imagem de uma natureza selvagem, mas controlada pelo homem.

*Entrei no Passeio Público, e com apressada curiosidade fui vendo e gozando os deleitosos quadros da relva verdejante, dos grupos de arbustos graciosos, das árvores gigantes, das correntes d'água, das pontes, do outeiro dos jacarés, do terraço que se torna admirável pela vista das montanhas, dos rochedos e do mar, das fortalezas e das ilhas, das praias e da cidade formosa[...].*

*Tudo isso era novo para mim, tudo, todas essas maravilhas da criação, todos esses belos testemunhos, todas essas obras do trabalho e da arte dos homens.*<sup>24</sup>

A aparente contradição, se analisada mais profundamente, desfaz-se, chegando-se à conclusão de que o principal pilar da civilização de Macedo é a moral, mas não como algo superficial e leviano, mas como algo profundo que está na alma de seus personagens e dos seus exemplos de vidas; todos repletos de virtudes, com nobreza de sentimentos. Como no caso do personagem Juca, do romance *Rosa*, que embora orgulhoso, em sua alma era nobre de sentimentos, como observa se nesse comentário crítico que o romancista faz ao casamento por interesse:

*O homem que ilude uma mulher jurando-lhe um amor, que lhe não tributa; que leva o pobre infeliz ao altar do himeneu, e lá estende a destra não a ela, mas ao seu dinheiro; é um homem baixo e vil, como o verme; é um miserável, que desonra a sua espécie.*<sup>25</sup>

A mentira, a falsidade, o casamento por interesse, as máscaras sociais, a sedução, o luxo, a vaidade, a avareza, cortejar diversas mulheres ao mesmo tempo, entre outras situações que enegrecem a alma do homem, são, para Macedo, a barbárie; ao passo que a sua civilização tem como ponto principal a moral. Sua ideia de civilização está ligada à de Mirabeau, quando este a dota de um critério moral, dizendo que na ausência deste, as boas maneiras e os saberes não passa de máscara.

---

<sup>23</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa: romance*. Rio de Janeiro: Typographia do Archivo Medico Brasileiro, 1849. (Biblioteca Guanabarensis). p. 9.

<sup>24</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A luneta...*, p. 63.

<sup>25</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa...*, p. 136.

*Admiro a esse respeito o quanto nossas idéias de investigações falsas em todos os pontos o são sobre o que consideramos como sendo a civilização. Se perguntasse à maioria no que consiste a civilização, a resposta seria: a civilização de um povo é o abrandamento de seus costumes, a urbanidade, a polidez e os conhecimentos difundidos de maneira que as conveniências aí sejam observadas e façam as vezes de leis de detalhes; tudo isso não me representa senão a máscara da virtude e não a sua face, e a civilização não faz nada pela sociedade se não lhe dá o fundo e a forma da virtude: foi do seio das sociedades abrandadas por todos os ingredientes que se acaba de citar que nasceu a corrupção da humanidade.<sup>26</sup>*

Macedo aproxima-se da idéia de Mirabeau e chega a anular a oposição entre bárbaro e civilizado, entre o homem do campo e o da cidade, muitas vezes desvalorizando a civilização. “Em todas as línguas [...] e em todas as idades, a descrição do amor de pastores por seus rebanhos e seus cães toca a nossa alma, por embotada que esta esteja pela busca do luxo e de uma falsa civilização”.<sup>27</sup>

A oposição entre campo e cidade é forte na obra de Macedo. Apesar de admitir que a vida no campo seja menos civilizada que nas cidades, chamando o homem do interior de bugre, incivil e bárbaro,<sup>28</sup> o escritor valoriza o homem do campo pela sua sinceridade e nobreza de sentimentos. Em outras palavras, valoriza a ausência de máscaras sociais deste homem e sua vida sem luxo e vaidades. Tal valorização aparece em diversos personagens de Macedo, como Anastácio, do romance *Rosa*, Firmiano, de *Nina*, ou Milo, de *O rio do quarto*, e, até mesmo, em diversos comentários ao longo de sua obra, dizendo que a civilização destrói a natureza e a moral, mas que, o campo, onde ela não atuou, ainda resguarda a natureza e os bons costumes. A distinção faz-se mais clara em *A moreninha*, em que Macedo descreve a mulher da cidade e a do campo, dizendo que o verdadeiro amor não se dá com os ares da cidade – nota-se que o amor entre Augusto e Carolina se dá nos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro.

*A moça da corte escreve e vive comovida sempre por sensações novas e brilhantes, por objetos que se multiplicam e se renovam a todo momento, por prazeres e distrações que se precipitam; ainda contra a vontade, tudo a obriga a ser volúvel: se chega à janela um instante só, que variedade de sensações! Seus olhos têm de saltar da carruagem para o cavaleiro, da senhora que passa para o menino que brinca, do séquito do casamento para o acompanhamento de enterro! Sua alma tem que sentir ao mesmo tempo o grito de dor e a risada de prazer, os lamentos, os brados de alegria e o ruído do povo; depois, tem o baile com sua atmosfera de lisonjas e mentiras, onde ela se acostuma a fingir o que não sente, a ouvir frases de amor a todas as horas, a mudar de*

<sup>26</sup> MORAS, J. *Ursprung und entwicklung des begriffs der zivilisation in Frankreich: 1756-1830*. Hamburgo: [s.n.], 1930. p. 38. apud STAROBINSKI, Jean. *As máscaras...*, p. 9.

<sup>27</sup> CABANÈS, A. *Mœurs intimes du temps passe*. Paris: [s.n.], 1910. p. 248. apud ELIAS, Norbert. *O processo...*, v. 1, p. 55.

<sup>28</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa...*, p.254.

*galanteador em cada contradança; depois, tem o teatro, onde cem óculos fitos em seu rosto parecem estar dizendo – és bela! – E assim enchendo-a de orgulho e muitas vezes vaidade; finalmente, ela se faz por força e por costume tão inconstante como a sociedade em que vive, tão mudável como a moda dos vestidos. Quereis agora ver o que se passa com uma moça da roça? ...*

*Ali está ela na solidão de seus campos, talvez menos alegre, porém, certamente mais livre; sua alma é todos os dias tocada dos mesmos objetos: ao romper d'alva, é sempre e só a aurora que bruxuleia no horizonte; durante o dia, são sempre os mesmos prados, os mesmos bosques e árvores; de tarde, sempre o mesmo gado que se vem recolhendo ao curral; à noite, sempre a mesma lua que pranteia seus raios à lisa superfície do lago! Assim, ela se acostuma a ver e amar um único objeto; seu espírito, quando concebe uma idéia, não a deixa mais, abraça-a, anima-a, vive eterno com ela; sua alma quando chega a amar, é para nunca mais esquecer, é para viver e morrer por aquele que ama. [...] considera que é lá em nossos campos que mais brilham esses sentimentos, que são a mesma vida e que não podem acabar senão com ela!...*<sup>29</sup>

Assim, todo e qualquer costume – independente de ser da elite política dominante ou das camadas dominadas, recém-importado da Europa ou reminiscência colonial –, para ser civilizado, deveria ser, acima de tudo, moral, repleto de virtudes e de sentimentos nobres. A afirmação não exclui os romances de Macedo do projeto civilizatório do Segundo Reinado; pelo contrário, se a questão moral faz parte da definição de civilização, logo, ela também é parte desse ideal, ela é um padrão de civilidade que emerge dos romances de Macedo.

Em menor escala, outros padrões de civilidade emergem dos romances de Macedo, como a compreensão de civilização relacionada ao progresso material e ao desenvolvimento técnico e científico. O romancista ressalta tal progresso e desenvolvimento como algo positivo e benéfico para a sociedade, aparecendo sempre nos romances como pano de fundo para a história principal. Em *A namorada*, Macedo fala que a nova iluminação a gás muda os hábitos das famílias, fazendo com que estas saíssem mais à noite<sup>30</sup>, e ainda falando desta mudança, em *A bolsa de seda*, ela é citada como algo que favorece a visão noturna das pessoas, principalmente à observação das mulheres que passeavam a noite (até mesmo como algo que diminui a incidência de crimes).<sup>31</sup> Já em *Vicentina*, o correio elétrico e a locomotiva a vapor aparecem como modernizações tecnológicas que encurtam as distâncias entre as pessoas e aceleram o tempo.<sup>32</sup> O escritor também fala de novos espaços criados com o progresso cultural, como o *Jockey Club*; a utilização de novos meios de locomoção na cidade, como os *bonds*;<sup>33</sup> e a substituição de práticas antigas por

<sup>29</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha...*, p. 110-111.

<sup>30</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A namorada*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1870. p. 11.

<sup>31</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os romances...*, p. 11.

<sup>32</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Vicentina: romance*. Rio de Janeiro: Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, 1854. 3 v. em 1. p. 214.

<sup>33</sup> Observe esta descrição do momento da parada do *bond*: “Às cinco horas da tarde parou um *bond*:

novas, trazidas da Europa, como a do Entrudo (bárbaro e incivil) pelo Carnaval (diversão civilizada).

Apesar de também aparecer como pano de fundo, Macedo mostra em alguns romances o grande momento de esplendor da civilização nos trópicos: as exposições nacionais – as quais foi muitas vezes componente da mesa julgadora. Por exemplo, no romance *A namorada*, Ângelo (um estudante de belas artes que no final do romance vai para Paris como bolsista, estudar com Araújo Porto-Alegre) expõe um quadro na Exposição Nacional de Belas Artes, na qual sua amada (Rosina), ao visitar a exposição, se reconhece na figura pintada no quadro.<sup>34</sup> Eventos que tinham caráter de civilidade também são descritos: em *A bolsa de seda*, parte da história se passa num leilão, na Academia Imperial de Belas Artes, para ajudar as vítimas do *colera morbus* de 1855; e, neste leilão, Constâncio (personagem principal da história) encontra um balão aerostático e o diamante *Estrela do Sul* (diamante exposto na Exposição Universal de Paris, no mesmo ano de 1855).

Outro padrão de civilidade que emerge na mesma escala é o nacionalismo. Segundo Norbert Elias, o conceito de civilização “expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional [...] não significa a mesma coisa para diferentes nações ocidentais”.<sup>35</sup> Com o olhar sobre a obra de Macedo, consegue-se observar esta consciência através da valorização do Brasil e da civilização que se está tentando construir nos trópicos. Isto se faz presente em boa parte de seus romances pela valorização da natureza brasileira, mostrando toda a sua exuberância, como se nota nesta descrição de uma casa na cidade de Niterói, em *O moço loiro*:

*A pouca distância desse mar sereno e amoroso, que lambe as brancas orlas da voluptuosa Niterói, se levanta uma graciosa casa cercada de lindos jardins e meio escondida por trás de sibilantes casuarinas e frondosas mangueiras e olhando como namorada, para a cidade do Rio de Janeiro, defronte da qual se terminam seus curtos e floridos domínios por um gradil cavaleiro do mar, para que abre passagem engraçado pórtico campestre ladeado de bancos de relva.*<sup>36</sup>

As descrições enaltecendo a natureza são observadas em quase todos os seus romances e seguem acompanhadas de um tom patriótico. Macedo deixa este tom transparecer também em falas de seus personagens, como por exemplo, nesta clara defesa da indústria nacional, em que, em *A moreninha*, numa carta de Fabrício a Augusto, o primeiro comenta as exigências de Carolina para com ele – “ela ordenou-me que não fumasse charutos de Havana nem de Manilha, porque era isto falta de patriotismo”.<sup>37</sup> É também perceptível no romance *Rosa*, quando um

---

o mosaico deu à luz. Quando pára um *bond*, e principalmente depois da questão das plataformas, há sempre um sai-e-entra que faz gosto ver! ... é a democracia em quadro vivo de embigadas e apertões pelo direito de prioridade individual”. MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os quatro...*, p. 84.

<sup>34</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A namorada...*, p. 71.

<sup>35</sup> ELIAS, Norbert. *O processo...*, v. 1, p. 23-25.

<sup>36</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *O moço loiro*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967 (Coleção Clássicos Brasileiros). p. 56.

<sup>37</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha...*, p. 25.

de seus personagens moralmente bons diz a frase: “vá plantar *mandioca!*”,<sup>38</sup> em substituição da famosa frase “vá plantar batatas!”. Macedo aprofunda este amor à pátria, quando ele fala que “um homem sem esse amor, não tem vida nem sentimentos”,<sup>39</sup> e continuando, ele fala em, *A namoradeira*, que o Brasil é “terra de monarquia e nobreza democrática”.<sup>40</sup>

Assim, todos os padrões de civilidade que emergem dos romances de Macedo estão baseados na existência deste projeto civilizatório da elite política do Segundo Reinado. E dentro deste projeto, Macedo professa pedagogicamente, através de seus romances, a sua civilização moralizada e moralizante.

## CONCLUSÃO

Muito lido e comentado pela boa sociedade do Segundo Reinado, o multifacetado Joaquim Manuel de Macedo não foi somente escritor, mas também dramaturgo, crítico, político, publicista, professor etc. Isto porque, na acanhada sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, literatos como Macedo ocupavam diversas funções, acumulando profissões. Assim, atuou em diversos âmbitos tanto na construção como na divulgação do projeto civilizatório do Segundo Reinado.

Durante o século XX, Macedo foi praticamente execrado por quase toda a crítica literária, principalmente no que diz respeito à qualidade literária de sua obra. Foi chamado de repetitivo, piegas, simplório, prolixo e outros demais adjetivos pejorativos para um escritor. No entanto, estes críticos talvez não tivessem pensado no romancista como um escritor de seu tempo.

Macedo seguiu a cartilha do escritor romântico. Analisado em seu tempo, foi um escritor, além de facundo – para utilizar a expressão do crítico Antônio Cândido – fiel às idéias de sua época. Tal facúndia rendeu-lhe problemas na qualidade de sua obra, porém, indubitavelmente, Macedo cumpriu com aquilo que ele se propôs a divulgar – as idéias românticas e a sua civilização calcada na moral. Estas duas idéias somam-se à grande capacidade descritiva que ele possuía e, neste quesito, ele foi bem sucedido.

O escritor fazia parte da sociedade que ele descrevia tão bem em seus livros, podendo-se dizer que ele escrevia para iguais. Logo, Macedo, além de atuar na construção e divulgação do projeto civilizatório do Segundo Reinado, sofreu a ação deste, fato que está bem explícito em seus romances.

---

<sup>38</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Rosa...*, p. 9. É importante dizer que é um momento em que a mandioca está sendo valorizada como o tubérculo nacional substituto da batata. Em pesquisas desenvolvidas no Arquivo Histórico do Itamaraty pode-se perceber o seu crescimento de importância, quando em 1860, o francês Grouet Jeune pede para o governo imperial que seja seu fornecedor oficial de tapioca (farinha de mandioca) na França, comentando até ter conseguido produzir uma espécie de tapioca francesa. AHI 225/02/03. Ofício de 15 de novembro de 1860, Seção central, n. 53, do enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Império do Brasil na França ao ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.

<sup>39</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *O rio do quarto: romance*. 3ª ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. (Coleção dos Autores Célebres da Literatura). p. 2. Para explicar seu amor à Itaboraí, Macedo diz que é preciso ir de baixo para cima, primeiro amando a família, a casa, a rua, o bairro, o município, a província e, por último, o Império.

<sup>40</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A namoradeira...*, p. 12.

A questão do projeto civilizatório estava em plena discussão durante todo o momento que Macedo viveu. As elites políticas brasileiras acreditavam que deveriam construir uma nação baseada no ideal civilizatório da corte francesa de Napoleão III, ou, nas palavras do historiador Marques dos Santos, uma *Europa possível*. Assim, uma das questões deste momento era como implementar tal projeto.

Enquanto alguns optaram por implementá-lo reurbanizando o espaço da cidade ou reestruturando as instituições políticas nos moldes das francesas e inglesas, Macedo, assim como outros escritores daquele momento, fez a opção pela via da literatura. O romancista não só acreditava no projeto civilizatório, como fazia uso de seus romances, crônicas e peça teatrais para construí-lo e divulgá-lo. E nesta cruzada civilizatória, ele invadiu os lares da boa sociedade, entretendo-a com seus romances românticos e moralizantes (baseados na virtude como um dever) e, ao mesmo tempo, ensinando pedagogicamente as famílias, principalmente as donzelas, uma civilização amparada pelos valores cristãos, pela moral e pela virtude.

Para Macedo, a educação moral era a base do ser humano. Esta deveria ser religiosa, moral e científica, respectivamente e simultaneamente. A educação religiosa e moral eram função da família, enquanto a científica era função da escola; logo, qualquer desvio moral do indivíduo era tido como um erro da educação recebida no seio da família. Macedo concebeu uma educação baseada em valores cristãos (caridade, bondade etc.), conseqüentemente, na religião, na moral e na virtude.

Assim, Macedo atacou a sociedade, criticando-a moralmente, como uma instituição sem virtudes e deturpada por uma civilização sem moral, que servia apenas como máscara social, com relações sociais baseadas em pilares podres, nos interesses (sensuais, financeiro e de ascensão social) e principalmente, as relações amorosas.

\*\*\*

## RESUMO

O romântico Joaquim Manuel de Macedo é um dos principais expoentes da literatura brasileira da segunda metade do século XIX, destacando-se, na extensa bibliografia do autor, a sua capacidade de descrever a sociedade e os seus costumes, com ênfase à da Corte do Rio de Janeiro. Sem descartar-lhes o valor artístico-literário, o presente trabalho explora essa característica das obras, através da identificação e análise do projeto civilizatório proposto pelo escritor. O objetivo principal é identificar os padrões de civilidade que emergem da ficção de Macedo. Para isso, os romances serão analisados à luz dos conceitos de sistema simbólico, processo civilizatório e literatura, procurando estabelecer relações entre os padrões de civilidade observados nestas obras e a existência de um projeto civilizatório da elite política do Segundo Reinado.

**Palavras Chave:** Literatura; Império Brasileiro; Joaquim Manuel de Macedo.

## ABSTRACT

Joaquim Manuel de Macedo, Brazilian romantic novelist, occupies an outstanding place in the Brazilian literature of the second half of the XIX century, mainly due to the portrait of the social habits of Rio de Janeiro, the capital of the only Latin American monarchy, in his vast literature production. Keeping aside the artistic and literary value of his work, this essay intends to explore the author's descriptive capacity in order to identify and analyze the civilization he has in inside. The main objective of the essay is to identify the civilizing patterns that come out of his fiction. The novels are analyzed under the concepts of symbolic system, civilizing process and of literature, in order to connect the civilization patterns in the novels of Joaquim Manuel de Macedo with the existence of the civilizing project of the political elite under Pedro II.

**Keywords:** Literature; Brazilian Empire; Joaquim Manuel de Macedo.